



**Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa com  
ênfase em Produção Textual**

**Maria de Fátima Barros da Silva**

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

**Brasília**

**2010**

**MARIA DE FÁTIMA BARROS DA SILVA**

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Albert Einstein, em cumprimento parcial às exigências do Curso de Pós-Graduação lato sensu em Língua Portuguesa com ênfase em Produção Textual, para obtenção do título de Especialista.

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup> MSc. Renata Romero Ferraz

**Brasília**

**2010**

## RESUMO

O objeto de estudo deste trabalho demonstra um apanhado geral sobre o Português Brasileiro, além da discriminação existente em nossa cultura sobre a linguagem em várias regiões de nosso país acarretando o preconceito lingüístico. Abordará também sobre as mudanças nas regras ortográficas e o papel do Educador diante das alterações e problemáticas existentes no português utilizado no Brasil.

**Palavras-chave:** Português Brasileiro; Regras Ortográficas; Preconceito Linguístico; Papel do Educador.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>2. HISTÓRICO</b> .....	7
2.1 Antecedentes históricos.....	7
2.2 O Português brasileiro.....	10
2.3 Características do Português no Brasil.....	12
2.4 Diferenças entre Portugal e Brasil.....	15
<b>3. A REFORMA ORTOGRÁFICA</b> .....	17
<b>4. PRECONCEITO LINGUÍSTICO</b> .....	23
4.1 Mitos sobre os preconceitos lingüísticos.....	23
4.2 As decisões para um ensino de língua portuguesa menos preconceituosa....	26
4.3 Dialeto.....	28
<b>5. O EDUCADOR</b> .....	31
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	35
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	37

## 1. INTRODUÇÃO

Esse estudo traz uma análise sobre o português brasileiro e seus antecedentes históricos, para haver um entendimento mais detalhado e conclusivo sobre os aspectos aqui estudados, como as alterações ocorridas em nossa língua, com o advento do Acordo Ortográfico.

Traz referencia ao preconceito lingüístico existente e a atuação do Educador na orientação ao educando nas transformações ocorridas em nossa ortografia e as formas de linguagem.

O assunto se apresenta de grande importância porque há inovações na língua, além de várias discrepâncias sobre o preconceito que existe na língua falada por causa de dialetos existentes em nosso País.

O educador está inserido em todo o contexto sobre a língua portuguesa e o preconceito lingüístico existente, pois este auxilia no esclarecimento de dúvidas do educando.

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa teve os países da Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, Brasil e Portugal em seu pacto, objetivando a unificação da língua portuguesa, para beneficiar o intercâmbio entre os países que adotam o português como língua oficial. Além da união, a alteração poderá trazer fatores positivos a estes países lusófonos.

Inicialmente, abordaremos o desenvolvimento do português brasileiro, a sua história, as características, as miscelâneas ocorridas, a cultura e diferenciações do português falado em Portugal.

Explanaremos sobre o Novo Acordo Ortográfico suas características, formas e utilização, assim enfatizaremos sobre o preconceito linguístico, o qual é sofrido por pessoas, devido seu modo de falar, além das questões negativas e a problemática social que dão vida a esses preconceitos.

O Educador se faz presente nessa mudança e sobre as normas ortográficas, assim como se faz de real importância seus ensinamentos e direcionamentos sobre as questões explicitadas

Abordaremos também as questões positivas, negativas e a visão dos aspectos que serão inseridos na língua com o Novo Acordo Ortográfico.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo foram pesquisas textuais, livros e internet sobre o português brasileiro, o preconceito linguístico existente, o acordo ortográfico, suas alterações e a importância do Educador para dirimir os conflitos de nossa língua falada e escrita.

Esperamos que esse trabalho auxilie muitas pessoas acerca das situações existentes em nossa língua além da valorização do Educador em nossa sociedade.

## 2. HISTÓRICO

### 2.1 Antecedentes históricos

O Brasil é um dos países que adotou a língua portuguesa que procede do latim, do qual foi a língua romana em seus primórdios.

O latim foi utilizado na Itália e teve a sua propagação em face das conquistas romanas sobre outros povos, os quais o empregaram para a sua comunicação e que perdeu com o passar dos tempos perdeu sua força e utilidade.

Para Bearzoti Filho:

Esses dois fatores – enfraquecimento da tradição escrita e a perda do centro político-cultural-decorrentes da derrocada do Império Romano, impediram que se mantivesse a antiga unidade do latim. Entre os séculos V e X de nossa era intensificou-se, então, um processo de diferenciação linguística regional que levou à crescente dialeção do latim e à sua progressiva transformação nas línguas neolatinas. Naturalmente, esse foi um processo lento. Num dado momento após a queda do Império Romano, começou a se delinear um estado intermediário de língua, que já não era mais latim, mas ainda guardava muitos elementos latinos. É o que se chama um romance, um falar à maneira romântica, mas não exatamente à maneira latina, ou seja, já distinto do latim. O próprio latim vulgar do fim do Império Romano (século V d. C) pode, ele próprio, ser considerado uma espécie de proto-romance, base de todas as línguas neolatinas.<sup>1</sup>

Na época, muitas línguas utilizadas na comunicação começaram a perder o seu proveito, e assim, começaram a cair em esquecimento entre a comunicação dos indivíduos, enquanto isso, outras línguas começaram a se sobressair, entrando no cotidiano das pessoas e transformando-se em línguas oficiais de vários países, atenuando a importância na vida cultural daquela nação.

O autor Bearzoti Filho preconiza que as “línguas latinas mais influentes e disseminadas, no presente ou no passado, são, do Ocidente para o Oriente: o português, o galego, o espanhol, o catalão, o francês, o provençal, o italiano e o romeno”.<sup>2</sup>

A autora Olga Maria Guanabara de Lima informa:

---

<sup>1</sup> Bearzoti Filho, Paulo. Formação linguística do Brasil. Curitiba. Nova Didática.2002. p. 09.

<sup>2</sup> Bearzoti Filho, Paulo. Obra citada. p. 09.

Vinda de todas as partes de Portugal, essa língua (diversificada já na sua origem), de aspecto ainda conservador, primeiro se estabeleceu no litoral, influenciando-se, fundindo-se e cruzando-se com o tupi, língua falada em toda a costa brasileira e, por algum tempo, tornada língua geral do Brasil colônia. Daí foi levada para o interior, após entrar em contato com aloglotas (ameríndios e africanos que, diante de uma língua nova, tinham de aprendê-la rapidamente e de ouvido), resultando a formação de linguagens emergenciais, um português deturpado, falado e transmitido diferentemente do seu modelo.<sup>3</sup>

As linguagens emergenciais foram criadas com o objetivo de garantir a comunicação das pessoas, naquele tempo. Apesar de deturpado e tal linguagem cravada de erros, pois as palavras faladas eram distorcidas em seu vocábulo, eram utilizadas, e assim, mesmo errôneas tinham a sua importância.

O português brasileiro, pois, na sua constituição, é fruto de duas *derivadas*: uma conservadora e, portanto, de desenvolvimento lento, o falar de uma população proveniente de vários pontos de Portugal e que, achando-se em contato com falares tão diversos, se viu obrigada a elaborar um denominador comum que não participava das mudanças da metrópole; a outra, sujeita a condições sociais próprias, que lhe imprimem velocidade inesperada, o falar dos índios, negros e mestiços, que tiveram de aprender rapidamente e de modo imperfeito a língua dos senhores.<sup>4</sup>

Entre os índios, negros e mestiços surgiu paulatinamente uma linguagem, a qual era considerada inculta e posteriormente começou a ser conhecida e espalhada como uma linguagem popular em algumas partes do país.

Durante o primeiro século da colonização, a necessidade imposta pelo contato social e interlingüístico fez com que se formasse, entre índios, negros e mestiços, uma linguagem rude (porém mais conservadora), de gente inculta, denominada *crioulo* ou *semicrioulo*, que foi disseminada pelos sertões, através da ação das Bandeiras (a partir do séc. XVII), tornando-se a linguagem popular do interior brasileiro. Passada às gerações seguintes, essa língua geral, por influência das altas classes e das escolas, foi sendo eliminada nos grandes centros, permanecendo apenas no interior, diferenciando-se, assim, lingüisticamente, o homem do interior e o do litoral do país, onde predominou a língua portuguesa.<sup>5</sup>

A forma de linguagem popular, criada pelos índios, mestiços e negros, conhecidas como crioulo ou semicrioulo, passou a perder sua proficiência e assim, vagarosamente foi sendo eliminada do cotidiano das pessoas no passar dos tempos, e, este fato ocorreu movido pela alta sociedade e pelas escolas.

---

<sup>3</sup> Texto: A breve história do português do Brasil, Autora: Olga Maria Guanabara de Lima. Sítio: : <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/01/04.htm>. Acessado em 08.02.2010.

<sup>4</sup> Olga Maria Guanabara de Lima. Obra citada.. Acessado em 08.02.2010.

<sup>5</sup> Olga Maria Guanabara de Lima. Obra citada. Acessado em 08.02.2010.



Esse foi o ponto primordial da divisão, pois a língua geral e popular foi extirpada da linguagem da sociedade, mas continuou a ser falada no interior do país, diferenciando-se assim das outras regiões do Brasil.

A língua portuguesa no Brasil, teve várias metamorfoses por sua miscigenação entre povos de várias raças e assim, alterou-se, modificou-se porque a necessidade de comunicação entre várias raças trouxeram alterações na língua que desdobrou-se para ser mais popular.

Olga Maria Guanabara preconiza:

Contudo, essa influência dos negros e dos índios não pôde jamais ser grande nas cidades, por faltar a eles prestígio literário e social perante o branco colonizador. Sabemos que a linguagem de qualquer sociedade reflete características próprias do falante, tais como identificação de sexo, faixa etária, escolaridade, nacionalidade, naturalidade, fatores esses que classificam socialmente um indivíduo e, por vezes, discriminam e estigmatizam o falante. No Brasil colonial, onde conviveram índios, mestiços e brancos, a classe desses últimos sempre se extremou socialmente, como classe superior. Dela prevaleceu a religião, os hábitos, a língua que, dentre todas as instituições sociais é a que mais fortemente se impõe. Desta forma, a linguagem tosca dos negros e índios só se impôs transitoriamente; contra elas reagiram os que puderam adquirir uma cultura escolar.<sup>6</sup>

As classes sociais, no período imperial, eram divididas, mas, como os mestiços, os negros, os índios e os brancos.

Assim como em qualquer sociedade uns se sobressaíram, os brancos, e com eles a prevalência de sua religião, dos hábitos e a língua que foi utilizada para demonstrar a imposição destes sobre os menos favorecidos.

A princípio entregue aos jesuítas, o ensino regular atingiu novas proporções com a chegada da Família Real, quando foram criadas novas escolas, influenciando cada vez mais na uniformização da linguagem e conseqüente diminuição dos falares regionais. Nos centros urbanos, as escolas proporcionavam a possibilidade de aquisição de um equipamento intelectual mais elevado.<sup>7</sup>

A linguagem aprendida nas escolas começou a ter maior importância e trazendo mais força ao português do país, uniformizando-o em toda a extensão do país por intermédio de escolas que começaram a se propagar.

Tentamos assim, num breve estudo, mostrar que o português brasileiro é um reflexo da superioridade cultural dos brancos sobre os negros e os índios. Diferenciada pela ação de condições geográficas e sociais, as línguas aqui faladas no período colonial (língua geral dos índios, criada

---

<sup>6</sup> Olga Maria Guanabara de Lima. Obra citada. Acessado em 04.02.2010.

<sup>7</sup> Olga Maria Guanabara de Lima. Obra citada. Acessado em 04.02.2010

pelos jesuítas, e língua geral dos negros, criada por eles mesmos), que viriam a constituir o chamado “português brasileiro”, apresentaram, a par dessa diferenciação, certa unidade lingüística, o que se coaduna com a célebre máxima “unidade na diversidade e diversidade na unidade.”<sup>8</sup>

A classe que se sobressaiu impôs o conhecimento da língua portuguesa como forma de serem reconhecidos como superiores diante das outras castas.

Apesar do português menos popular não se sobressair na cultura do grupo dos brancos nas cidades, este fez valer a sua força nas pessoas humildes e negros, sendo que encontramos hodiernamente palavras que ainda são utilizadas em nossa língua e em nossa cultura.

## 2.2 O Português brasileiro

Beazorti Filho aduz que :

“O entendimento da evolução do português brasileiro e a caracterização de suas diferenças frente ao português europeu ser explicados tanto com base em fatores externos quanto internos. É intenso extremamente fecundo o debate que se trava entre os defensores de cada uma das teses. Um livro como este não tomará partidos e trabalhará com a suposição de que as teses, apesar de opostas, não são exatamente excludentes, sendo possível um ângulo de observação em que elas apareçam como complementares por se aplicarem a processos distintos em nossa formação lingüística.”<sup>9</sup>

A linguagem portuguesa continua em processo de evolução e tal desenvolvimento se deu em conta de vários fatores seja internos como por exemplo, a criação de escolas, a chegada da família real no país, a prevalência de uma língua: o português. Os fatores externos são caracterizados pela introdução da língua portuguesa no país e a sua imposição para os índios, mestiços e negros como a língua pátria.

Para entendermos melhor as mudanças decorrentes da introdução da língua portuguesa no Brasil, faz-se necessário o entendimento da linguagem utilizada antes da colonização.

---

<sup>8</sup> Olga Maria Guanabara de Lima. Obra citada. Acessado em 04.02.2010.

<sup>9</sup> Bearzoti Filho, Paulo. Obra citada. p. 09.

Antes da chegada dos portugueses, estima-se que cerca de 1.500 línguas diferentes eram faladas no território que veio a ser o Brasil. Essas são agrupadas em famílias, classificadas como pertencentes aos troncos Tupi, Macro-Jê e Aruaque. Há famílias, entretanto, que não puderam ser identificadas como relacionadas a nenhum destes troncos. São elas: Karib, Pano, Maku, Yanomami, Mura, Tukano, Katukina, Txapakura, Nambikwara e Guaikuru. Evidentemente, o fato de duas sociedades indígenas falarem línguas pertencentes a uma mesma família não faz com que seus membros consigam entender-se mutuamente.<sup>10</sup>

Percebemos as diferenças na linguagem e o entendimento errôneo sobre a fala indígena. Dessa forma, existe um juízo tosco e deturpado sobre a singularidade e entendimento, pois as línguas indígenas possuem divisões subdivisões pois, são divididas em troncos como Tupi, Macro-Jê e Aruaque e após são subdividas em famílias das quais são conhecidas como Karib, Pano, Maku, Yanomami, Mura, Tukano, Katukina, Txapakura, Nambikwara e Guaikuru.

Caso ocorra duas tribos falarem línguas da mesma família, não fica entendido que estes irão conseguir perceber o que o outro fala, pois existem troncos.

O sistema indígena é diferenciado, por exemplo, do português pois apesar de existir diferenciações entre a língua portuguesa entre os países que a utilizam como língua oficial, existe um entendimento no linguajar de um país e outro.

Apesar de o Brasil ter sido descoberto oficialmente em 1500 pelos portugueses, sua colonização começou efetivamente em 1532, de forma gradativa. Nestes trinta anos, o Brasil foi atacado pelos holandeses, ingleses e franceses que tinham ficado de fora do Tratado de Tordesilhas (acordo entre Portugal e Espanha, em 1494, que dividiu as terras recém descobertas). No ano de 1530, o rei de Portugal organiza a primeira expedição com objetivos de colonização. Foi comandada por Martim Afonso de Sousa e tinha como objetivos povoar o território brasileiro, expulsar os invasores e iniciar o cultivo de cana-de-açúcar no Brasil. Com isso a língua portuguesa passa a ser usada factualmente no território hoje conhecido como Brasil. Ao mesmo tempo, outras nações européias vêm para o Brasil, como a França e a Holanda (que chegou a instalar uma colônia na região que é hoje o Estado de Pernambuco).<sup>11</sup>

Apesar de outros países tentarem colonizar o Brasil, na época de 1500, a nação que se impôs foi a Portuguesa e assim, introduzindo sua cultura e linguagem no país, apesar das tentativas da Holanda, Inglaterra e França.

No início da colonização portuguesa no Brasil, a língua dos índios Tupinambá (tronco Tupi) era falada numa enorme extensão de território ao longo da costa atlântica. Hoje em dia especula-se erroneamente, que, no

<sup>10</sup> Texto: Português Brasileiro. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugu%C3%AAs\\_brasileiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugu%C3%AAs_brasileiro). Acessado em 14/02/2010.

<sup>11</sup> Texto: Português Brasileiro. Obra citada. Acessado em 14/02/2010.

século XVI, ela passou a ser aprendida pelos portugueses, que de início eram uma minoria entre a população indígena. Aos poucos, o uso dessa língua, chamada de Brasílica, teria se intensificado e generalizado-se de tal forma que passou a ser falada por quase toda a população que integrava o sistema colonial brasileiro e, com o decorrer do tempo, teria-se modificando e, a partir da segunda metade do século XVII, passou a chamar-se de língua geral.

A língua utilizada pelos mestiços, indígenas, negros e até mesmo por brancos teve sua importância para a comunicação entre as classes, sendo em um primeiro momento conhecida como Brasílica e posteriormente como língua geral.

A língua geral era em alguns casos específicos falada realmente por certas populações. Era a língua do contato entre índios de diferentes tribos, entre índios e portugueses e seus descendentes. A língua geral era assim uma língua franca entre contatos indígenas. Essa foi a primeira influência que a língua portuguesa recebeu no Brasil e que deixou algumas marcas no vocabulário popular falado atualmente no país. A língua geral possuía duas variantes:

- A Língua Geral Paulista: originária na língua dos índios Tupi de São Vicente e do alto rio Tietê, passa a ser falada pelos bandeirantes no século XVII. Dessa forma, ouve-se tal idioma em locais em que esses índios jamais estiveram, influenciando o modo de falar dos brasileiros.
- O Nheengatu, (*ie'engatú* = "língua boa") é uma língua tupi-guarani falada no Brasil e países limítrofes. O Nheengatu é uma língua de comércio que foi desenvolvida ou como que compilada pelos jesuítas portugueses nos séculos XVII e XVIII, tendo como fundamentos o vocabulário e a pronúncia tupinambá e como referência a gramática da língua portuguesa, tendo sido o vocabulário enriquecido com palavras do português e do castelhano.<sup>12</sup>

Os dialetos e as misturas de várias linguagens e etnias desenvolveram em nosso país uma linguagem portuguesa diferenciada, como antes informado, atualmente ainda possuímos influências no modo de falar.

### 2.3 Características do Português no Brasil

À época, no litoral do país, quando havia pessoas de várias culturas e línguas, os indivíduos estavam envolvidos em um âmbito comercial e assim necessitavam entender e se comunicar com outras pessoas de línguas diferentes e dessa forma, acabaram aprendendo e adequando linguajares para se comunicarem uns com os outros, apesar da linguagem ser adaptada.

<sup>12</sup>Texto: Português Brasileiro. Obra citada. Acessado em 14/02/2010.

Stella Maris diz:

Os negros que chegavam ao Brasil, classificados em ladinos ou boçais, conforme dominassem ou não o dialeto crioulo português que já se instituía na África, permaneciam nas cidades ou se dirigiam para o interior. Nas cidades, em contato muito próximo com os brancos, adaptavam-se à língua desses mais rapidamente. No interior, nas fazendas ou nos quilombos, conviviam com outros negros, com os mestiços, índios e portugueses. Era a situação propícia para o surgimento de um pidgin. Observa-se, porém, que tal pidgin, sofria a influência diversificadora em duas frentes: por um lado, havia sempre, exceto nos locais mais isolados, uma constante e crescente influência portuguesa. Por outro, o grupo africano, que já não era homogêneo nas suas origens, renova-se constantemente, pois o tráfico negreiro durou três séculos. Assim, levadas recém-chegadas de negros conviviam com negros e mestiços que já estavam no Brasil há mais de uma geração.<sup>13</sup>

Com tantas interações, linguajares entre várias classes e raças, surgiu o *pidgin*, o qual é uma palavra derivada da língua chinesa para a palavra inglesa que significa: negócio, isto é, *business*, e para que ocorra o *pidgin* é necessária a interação com comunidades que utilizam línguas diferentes, necessitando que haja a ausência de uma língua acessível.

Com referência ao pidgins temos alguns entendimentos:

**Pidgin** ou **pígin**, também chamado de **língua de contacto**, é o nome dado a qualquer língua que é criada, normalmente de forma espontânea, de uma mistura de outras línguas, e serve de meio de comunicação entre os falantes de idiomas diferentes. Os pidgin têm normalmente gramáticas rudimentares e um vocabulário restrito, servindo como línguas de contacto auxiliares. São improvisadas e não são aprendidas de forma nativa.<sup>14</sup>

O *Pidgin* surge de forma simples com a miscelância de várias línguas e sua necessidade de utilização surge na tentativa de comunicação entre pessoas de diferentes falares.

Os pidgins podem desenvolver-se e tornarem-se línguas crioulas. Para tal o pidgin terá que ser aprendido de forma nativa por crianças, que então generalizam as características de um pidgin para uma gramática, completa e estabilizada. Neste estado a linguagem não é um pidgin, e adquiriu a complexidade comum de uma língua humana, e tornou-se um crioulo. Estes crioulos substituem os pidgin como forma de comunicação, como acontece com os crioulos de Cabo Verde ou da Guiné Bissau. Contudo, os pidgins nem sempre se tornam em crioulos, podem morrer ou tornarem-se obsoletos.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> **BORTONI RICARDO**, Stella Maris. Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística & educação. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.p. 32.

<sup>14</sup> Texto: Pidgin. Sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pidgin>. Acessado em 18/11/2009.

<sup>15</sup> Idem. Obra citada. Acessado em 18/11/2009.

A linguagem das crianças no início de sua alfabetização ou entendimento não pode ser vista como se fosse *pidgin*, pois não caracteriza pessoas de outras línguas tentando se comunicar e sim uma dificuldade normal no ensinamento da língua pátria a uma criança<sup>16</sup>.

O conceito é originário da Europa entre os comerciantes e negociantes do Mediterrâneo na Idade Média, que usavam a Língua franca ou Sabir. Um *pidgin* bem conhecido é o de Beach-la-Mar dos Mares do Sul, baseado em inglês, mas incorporou palavras malaias, chinesas e portuguesas. Um outro exemplo nos dias de hoje, é o "Pequeno Português" de Angola, que é a forma de comunicação entre etnias que falam línguas diferentes.<sup>17</sup>

Percebemos que o *Pidgin* era desenvolvido normalmente pelas pessoas que falavam idiomas diferentes com o objetivo de se comunicarem, assim, são improvisadas e possuem várias misturas de linguagens.

Dessa forma, o *Pidgin* era uma língua de contato, pois faltava uma língua basilar, surgindo o *Pidgin*, mescla com outras, para suprir a necessidade de comunicação entre as pessoas.

A autora Bortoni informa:

Os vernáculos ficaram por muito tempo mais ou menos circunscritos às regiões interioranas e isoladas. No século XX, assistimos, porém, a dois fenômenos de notáveis conseqüências lingüísticas: a migração das populações das pequenas cidades e zonas rurais para os grandes centros e a difusão dos meios de comunicação de massa.

(...)

Decorre desse processo o declínio dos vernáculos que se transformam em dialetos urbanos de classe baixa, acentuando-se provavelmente a estratificação vertical na língua. Ao se radicar na zona urbana, o indivíduo egresso de zonas rurais ou rurbanas percebe mais facilmente a estigmatização que recebem os itens lexicais e expressões mais salientes de sua fala regional. Por isso tende a substituí-las por sinônimos de cunho urbano.<sup>18</sup>

As inclusões de dialetos na língua portuguesa no Brasil vieram devagar e paulatinamente, sendo que muitos dialetos ainda sobrevivem ao tempo pela cultura e mesmo com as variações existentes.

---

<sup>16</sup> Idem.Obra citada. Acessado em 18/11/2009.

<sup>17</sup> Ibidem.Obra citada. Acessado em 18/11/2009.

## 2.4 Diferenças entre Portugal e Brasil

O Brasil foi colonizado por Portugal, mas, com a mistura da língua portuguesa e o desenvolvimento do linguajar no país, resultou assim, as diferenças na linguagem, pois, cada um dos países fora modificado culturalmente. No Brasil, alguns fonemas possuem diferenciação fonética dos utilizados em Portugal.. Como por exemplo, podemos citar os aspectos conservadores e inovadores da fonética brasileira:

### Aspectos conservadores

Na maior parte do Brasil, os -s e -z em final de palavra ou diante de consoante surda são realizados como [s] (como em "atrás" ou "uma vez") ou como [z] diante de consoante sonora ("desde"), em vez de [ʃ] e [ʒ] como em Portugal.

As vogais átonas permaneceram abertas, perpetuando "mais uma vez a pronúncia de Portugal antes das grandes mutações fonéticas do século XVIII"

Por outro lado, certas inovações fonéticas ocorridas no português europeu no século XIX foram ignoradas no Brasil: manteve-se a pronúncia [ej] em ditongos como do "ei" em "primeiro", versus a pronúncia [ɛj]; a pronúncia do "e" tónico como [e], versus [ɛ], em palavras como "espelho" ou "vejo".<sup>19</sup>

Os aspectos conservadores, demonstram por exemplo, o uso das vogais átonas, as quais permaneceram abertas no momento da pronúncia

### Aspectos inovadores

Entre outros, assinalam-se os seguintes: Desaparição da oposição entre timbre aberto e fechado nas vogais tónicas a, e e o seguidas de consoante nasal (ex: "vênia" vs. "vénia", "Antônio" vs. "António"); O mesmo fenómeno ocorre nas vogais das sílabas pretónicas (ex: o primeiro "a" de cadeira, pronunciado /a/ no Brasil e /ɛ/ em Portugal); Vocalização do "l" velar, como em "animal", pronunciado [ãnimaw].<sup>20</sup>

Assim como o língua portuguesa está em processo de formação no Brasil, temos os aspectos inovadores como por exemplo a vocalização da letra "i", que nos diferencia na linguagem do país colonizador.

### Morfologia e sintaxe

A construção *estar + gerúndio* domina no Brasil, versus a construção *estar + a + infinitivo* que se tornou dominante no português padrão europeu (mas o uso do gerúndio permanece nas classes populares do Sul de Portugal<sup>[?]</sup> e

<sup>18</sup> BORTONI RICARDO, Stella Maris.obra citada. p. 33.

<sup>19</sup> Texto: Português Brasileiro. Obra citada. Acessado em 18/11/2009.

<sup>20</sup> Texto: Português Brasileiro. Obra citada. Acessado em 18/11/2009

das ilhas da Madeira e Açores) (ex: "estou escrevendo" vs. "estou a escrever");

No Brasil pode-se utilizar o pronome possessivo sem ser precedido de artigo, ao contrário do que acontece em Portugal (ex: "meu computador" vs. "o meu computador");

A colocação dos pronomes átonos é diferente no Brasil e em Portugal, na fala apenas. Na escrita, as regras são as mesmas. No entanto, prefere-se sempre o uso da próclise (pronome antes do verbo); ênclise (depois do verbo), apenas em formalidades; e mesóclise (no meio, como construir-te-ia), quase nunca usada.

exemplo: "Me diga uma coisa" (Brasil), vs. "Diga-me uma coisa" (Portugal), "Pode me dizer" (Brasil) vs. "Pode dizer-me"(Portugal).<sup>21</sup>

Temos intensos dialetos, assim como ocorrem em Portugal, mas cada um destes, tem sua forma, apesar de serem similares pela fonética, são diferentes entre si. Em nosso país utilizam-se trinta e quatro fonemas, sendo treze vogais, dezenove consoantes e duas semivogais.

---

<sup>21</sup> Texto: Português Brasileiro. Obra citada. Acessado em 18/11/2009



### 3. A REFORMA ORTOGRÁFICA

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 foi acordado pelos países Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, Brasil e Portugal, para unir o português, como uma ortografia oficial unificada e também para acabar com a divergência existente entre duas línguas oficiais: a do Brasil e Portugal.

O Guia Prático da Língua Portuguesa informa que:

Portugal resistiu o máximo que pôde à ratificação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Os lingüistas de lá entendiam que o objetivo do Acordo era tornar oficial o modo do brasileiro de escrever o português. Uma “ofensa” aos pais da língua portuguesa. A questão, na verdade, é diplomática. Com uma ortografia unificada, o português ganha maior projeção internacional.<sup>22</sup>

Com o passar dos tempos, existiu algumas tentativas para outros acordos em reformar a ortografia entre os países que falam o referido idioma, mas todas foram praticamente infrutíferas.

O emprego do Acordo Ortográfico gerou insatisfação e discordâncias, das quais muitas pessoas apontaram erros no referido ajuste. Outros entenderam que o pacto serviria apenas para servir interesses políticos e econômicos, mas o Acordo acabou assinado e tendo sua utilização.

A reforma ortográfica possui ambiguidades, entendemos que trará solução de muitos problemas como por exemplo, os livros escritos na língua portuguesa não necessitariam mais das traduções, mas no contexto geral, os gastos serão significamente maiores, porque serão revistos a maioria das obras para que estas sejam adequadas ao novo acordo e assim, após a referida revisão, estas obras poderão ser utilizadas em todos os países que falam a língua portuguesa.

Os livros antigos, até os mais fáceis para o entendimento do estudante, entrariam em desuso.

Os gastos dispendiosos e exorbitantes com matéria-prima, repaginação de obras, alterações de todo um sistema de programação de computadores, edições

---

<sup>22</sup> GUIA PRÁTICO DA LÍNGUA PORTUGUESA, Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa: SP: Editora Escala, 2009. p. 8.

modificadas de dicionários, traria um dispêndio exorbitante para toda a população brasileira, além dos outros países.

Assim, com a reforma, o educador precisa aprimorar seus conhecimentos, e quando ensinar ao educando as modificações e matérias afins, necessita mostrar a este as alterações e ensinamentos de forma gradativa, assim, este não sofrerá o impacto, podendo assimilar vagarosamente todos os ensinamentos sem grandes distorções

Por isso, o papel do Educador é primordial, e com o auxílio dele, dúvidas podem ser apaziguadas e a utilização da língua portuguesa não gerará dúvidas, garantindo o seu benefício para o futuro.

Para muitos estudiosos, professores e autores esta reforma simplesmente não agradou, assim como para o autor Pasquali Neto que acrescenta:

E então? Gostou da Reforma? Não gostei. Sob o pretexto de unificar a grafia do português nos oito países em que ele é língua oficial e simplificar as normas ortográficas, os pais dessa Reforma não perceberam que seu custo superará – de longe – seus eventuais benefícios.<sup>23</sup>

Muitos acham que a reforma ortográfica não trouxe mudanças significativas e importantes, e que simplesmente poderiam gerar como antes aduzido, gastos e alterações infrutíferas.

O teor e as bases da Reforma ortográfica estão assim exemplificados, conforme abaixo entendido:

“O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 é composto por quatro partes:

- **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa:** é um tratado aprovado em 12 de Outubro de 1990 pela Academia das Ciências de Lisboa, pela Academia Brasileira de Letras e por delegações de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, com a presença de delegação de observadores da Galiza, e assinado em Lisboa 16 de Dezembro de 1990 por representantes de sete países lusófonos; contém um preâmbulo e quatro artigos.
- **Anexo I — Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990):** é uma lista de vinte e uma **bases ortográficas**, onde se discrimina o novo alfabeto da língua portuguesa e as características da nova ortografia, com exemplos.
- **Anexo II — Nota Explicativa do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990):** é um texto de carácter explicativo e argumentativo onde se dá conta dos antecedentes da reforma e se explica e justifica as opções tomadas.

<sup>23</sup> Cipro Neto, Pasquale. Como grafar e acentuar as palavras – Basrueri, SP: Gold Editora, 2009. pag. 7.

- **Rectificação:** é uma aditamento rectificativo da Assembleia da República Portuguesa de 15 de Outubro de 1991, onde se corrige algumas inexactidões do texto do Acordo; esta rectificação, apesar de não fazer parte formalmente do texto da resolução de 1990 que contém o Acordo, deve ser considerada parte integrante do mesmo.<sup>24</sup>

A Ratificação acordada traz alterações das quais necessitamos nos adequar, revendo a regra antiga, a regra atual e a nova regra.

#### Bases

- **Base I - Do alfabeto e dos nomes próprios estrangeiros e seus derivados:** Descreve o alfabeto com a designação que usualmente é dada a cada letra, introduzindo a letra w e restaurando as letras k e y, que haviam sido proscritas do alfabeto português<sup>[38]</sup> desde 1911 em Portugal e desde 1943 no Brasil. Mantêm-se, no entanto, as regras fixadas anteriormente que restringem o seu uso às abreviaturas, palavras de origem estrangeira ou seus derivados.<sup>25</sup>

A base do alfabeto será então formado por 26 (vinte e seis letras), incluindo o “k”, “w” e “y”.

- **Base II - Do h inicial e final:** Aborda o uso do *h* no início e no final das palavras. Aparentemente não apresenta alterações em relação às normas anteriores. No entanto, o facto de não fazer referência expressa à palavra *húmido* como tendo *h* inicial, ao contrário do que acontecia no texto do Acordo Ortográfico de 1945, levou a que se aventasse a hipótese dessa palavra passar a ser grafada exclusivamente *úmido*, como é uso no Brasil. No entanto, os dicionários publicados até ao momento (agosto de 2008) incluem ambas as grafias - *húmido* e *úmido* – como válidas. Haverá que esperar pela publicação da nova edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa para dissipar dúvidas.<sup>26</sup>

Permanecem o uso do “h” em palavras como anti-heróis, anti-higiênico, extra-humano e semi-herbáceo.

- **Base III - Da homofonia de certos grafemas consonânticos:** Aborda a homofonia existente entre certos grafemas consonânticos consequência, fundamentalmente, da história das palavras. Especificamente, dá-se atenção à distinção gráfica entre *ch* e *x*; entre *g*, com valor de fricativa palatal, e *j*; entre as letras *s*, *ss*, *c*, *ç* e *x*, que representam sibilantes surdas; entre *s* de fim de sílaba (inicial, interior e final) e *x* e *z* com idêntico valor fónico; e entre as letras interiores *s*, *x* e *z*, que representam sibilantes sonoras. Não estão previstos nesta base os casos em que a tradição lexicográfica portuguesa e a brasileira divergem no uso de *ch/x* (por exemplo: *champô/xampu*, *chichil/xixi*); no uso de *g/j* (por exemplo: *alfogel/alforje*, *beringela/berinjela*); no uso de *ss/ç* (por exemplo: *missangal/miçanga*); e em certas designações toponímicas (por exemplo: *Singapura/Cingapura*; *Sintra/Cintra*).<sup>27</sup>

<sup>24</sup> Texto: Acordo Ortográfico. Sítio: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Acordo\\_Ortogr%C3%A1fico\\_de\\_1990](http://pt.wikipedia.org/wiki/Acordo_Ortogr%C3%A1fico_de_1990). Acessado em 24.02.2010.

<sup>25</sup> Idem. Obra citada. Acessado em 24.02.2010.

<sup>26</sup> Idem. Obra citada. Acessado em 24.02.2010.

<sup>27</sup> Ibidem. Obra citada. Acessado em 24.02.2010.

O hífen não é mais utilizado em palavras formadas de prefixos terminadas em vogal mais a palavra iniciada por “r” ou “s”, sendo que essas devem ser dobradas.

- **Base IV - Das sequências consonânticas:** É nesta base que é definida a supressão das chamadas consoantes mudas, ainda em uso em Portugal, e os casos de dupla grafia. Aborda o uso do *c*, com valor de oclusiva velar, das sequências interiores *cc* (segundo *c* com valor de sibilante), *cç* e *ct*, e o *p* das sequências interiores *pc* (*c* com valor de sibilante), *pç* e *pt*, que ora se conservam, ora se eliminam. Define, também, a facultatividade do uso, quando há oscilação entre a prolação e o emudecimento, do *b* da sequência *bd*; (em *súbdito*); do *b* da sequência *bt* (em *subtil* e seus derivados); do *g* da sequência *gd* (em *amígdala*, *amigdalite*, etc.); do *m* da sequência *mn* (em *amnístia*, *indemnizar*, *omnipotente*, *omnisciente*, etc.); do *t* da sequência *tm* (em *aritmética* e *aritmético*).<sup>28</sup>

Haverá a supressão das consoantes mudas na base, mesmo estas sendo utilizadas em Portugal.

- **Base V - Das vogais átonas:** Regula o emprego do *e* e do *i* e do *o* e do *u*, em sílabas átonas, estabelecidos fundamentalmente por razões etimológicas e histórico-fonéticas.
- **Base VI - Das vogais nasais:** Aborda a representação das vogais nasais, se representam por til, por *m* ou por *n*.
- **Base VII - Dos ditongos:** Define os ditongos orais, tónicos ou átonos, distribuídos por dois grupos gráficos principais, conforme o segundo elemento do ditongo é representado por *i* ou *u*: *ai*, *ei*, *éi*, *ui*; *au*, *eu*, *éu*, *iu*, *ou*; ditongos representados por vogal com til e semivogal; ditongos representados por uma vogal seguida da consoante nasal *m*.<sup>29</sup>

Ditongos abertos (*ei*, *oi*) não são mais acentuados em palavras paroxítonas. Os ditongos abertos de palavras oxítonas e monossílabas o acento continua em heróis, constrói, dói, anéis, papéis. O acento no ditongo aberto “eu” continua como por exemplo nas palavras chapéu, véu e ilhéu.

- **Base VIII - Da acentuação gráfica das palavras oxítonas:** Regula-se o uso do acento agudo e do acento circunflexo, bem como os casos em que se prescinde de acento gráfico para distinguir palavras oxítonas homógrafas, mas heterofónicas, e as exceções. Definem-se, também, os casos de dupla acentuação, atendendo às diferenças de pronúncia entre o português europeu e o português brasileiro, já que o sistema de acentuação gráfica do português não se limita, em geral, a assinalar apenas a tonicidade das vogais sobre as quais recaem os acentos gráficos, mas distingue também o timbre destas.
- **Base IX - Da acentuação gráfica das palavras paroxítonas:** Definem-se as palavras que recebem acento agudo e circunflexo; bem como as que não são acentuadas graficamente. Também aqui se prevêem algumas facultatividades e casos de dupla acentuação.<sup>30</sup>

<sup>28</sup> Texto: Acordo Ortográfico. Obra citada. Acessado em 24.02.2010.

<sup>29</sup> Idem. Obra citada. Acessado em 24.02.2010.

<sup>30</sup> Ibidem. Obra citada. Acessado em 24.02.2010.

As paroxítonas terminadas em “o” duplo por exemplo, não terão mais acento circunflexo. Ao invés de “abenção”, “enjão” ou “vão”, os brasileiros terão que escrever “abenção”, “enjão” e “vão”.

- **Base X - Da acentuação das vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas:** Abordam-se os casos em que levam acentuação gráfica as vogais tónicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas e os casos em que ela não se aplica.
- **Base XI - Da acentuação gráfica das palavras proparoxítonas:** Definem-se os casos em que nas palavras proparoxítonas, reais ou aparentes se aplica o acento agudo; os casos em que se aplica o acento circunflexo; e os casos em que tanto podem levar acento agudo como acento circunflexo, dependendo do timbre, respetivamente, aberto ou fechado nas pronúncias cultas da língua das vogais tónicas e ou o em final de sílaba, quando seguidas de consoantes nasais grafadas com *m* ou *n*.
- **Base XII - Do emprego do acento grave:** Aborda os casos em que o acento grave deve ser utilizado.<sup>31</sup>

Não existe mais o acento diferencial em palavras homófonas. Exemplo: pára (verbo) e atualmente para (verbo).

- **Base XIII - Da supressão dos acentos em palavras derivadas:** Refere-se especificamente aos casos dos advérbios em *-mente*, derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo e às palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tónica com acento agudo ou circunflexo. Esta supressão já era prática no Brasil desde 1971 e nos restantes países lusófonos desde 1973.
- **Base XIV - Do trema:** Estipula a supressão completa do trema, sinal de diérese, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, excetuando-se em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros (por exemplo: *mülleriano*, de Müller).<sup>32</sup>

Não há a utilização do trema nas palavras, sendo correto escrever *linguiça*, *sequência*, *quinquênio*, entre outras palavras.

- **Base XV - Do hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares:** Define o emprego do hífen nas palavras compostas por justaposição; nos topónimos compostos; nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas; nos compostos com os advérbios *bem*, *mal*, *além*, *aquém*, *recém* e *sem*; nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais; na ligação de duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando encadeamentos vocabulares ou combinações históricas ou ocasionais de topónimos.
- **Base XVI - Do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação:** Especifica os casos em que se emprega o hífen nas formações com prefixos e em formações por recomposição; os casos em

<sup>31</sup> Texto: Acordo Ortográfico. Obra citada. Acessado em 24.02.2010.

<sup>32</sup> Idem. Obra citada. Acessado em 24.02.2010.

que inequivocamente se não emprega; e o seu uso nos vocábulos de origem tupi-guarani.

- **Base XVII - Do hífen na ênclise, na tmese e com o verbo haver:** Aborda o emprego do hífen na ênclise e na tmese; o seu não uso nas ligações da preposição de às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*.<sup>33</sup>

O hífen não é mais utilizado em palavras formadas de prefixo e estes terminados por “r”, permanece o hífen se a palavra seguinte for iniciada pela mesma letra: hiper-realista, hiper-requintado, hiper-requisitado, inter-racial, inter-regional, inter-relação, super-racional, super-resistente.

- **Base XVIII - Do apóstrofo:** Estipula os casos em que o apóstrofo é indicado e os casos em que ele não é admissível.
- **Base XIX - Das minúsculas e maiúsculas:** Define os casos em que as letras maiúscula e minúscula iniciais devem ser usadas. É ressalvada a possibilidade de que obras especializadas possam observar outras regras, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica, etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras reconhecidas internacionalmente.
- **Base XX - Da divisão silábica:** Aborda a divisão silábica, designadamente os casos em que as sucessões de duas consoantes podem ou não ser divididas; a divisão de vogais; e dos digramas.
- **Base XXI - Das assinaturas e firmas:** Assegura a possibilidade de indivíduos, firmas comerciais, nomes de sociedades, marcas e títulos com registo público possam manter a escrita presentemente adotada.<sup>34</sup>

As alterações da ortografia estão gerando dúvidas entre muitos indivíduos, mas só poderemos saber sobre o seu impacto após algum tempo, quando a adequação da linguagem for ensinada e absolvida a todos os estudantes e interessados na Reforma Ortográfica.

<sup>33</sup> Ibidem. Obra citada. Acessado em 24.02.2010.

<sup>34</sup> Texto: Acordo Ortográfico. Obra citada. Acessado em 24.02.2010.

## 4. PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O preconceito linguístico conceitua-se na discriminação sofrida por um indivíduo por causa do seu modo de falar.

O problema existente se refere às dificuldades que ocorrem na língua falada, na escrita oficial e nas questões culturais.

Para Marcos Bagno “o preconceito lingüístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre a língua e gramática normativa”<sup>35</sup>

O autor Bagno aduz que o preconceito “vem sendo alimentado diariamente pelos meios de comunicação, que pretendem ensinar o que é "certo" e o que é "errado", sem falar, são claros nos instrumentos tradicionais de ensino da língua, ou seja a gramática normativa e os livros didáticos.”<sup>36</sup>

Demonstra assim, que a época do descobrimento e a forma de uns se mostrarem superiores a outros com base no linguajar infelizmente ainda não terminou.

### 4.1 Mitos sobre os preconceitos linguísticos

Bagno afirma que existem mitos que auxiliam no crescimento do preconceito lingüístico, dos quais citaremos:

A língua portuguesa apresenta uma unidade surpreendente" - o maior e mais sério dentre os outros mitos, por ser prejudicial à educação e não reconhecer que o português falado no Brasil é bem diversificado, mesmo a escola tentando impor a norma lingüística como se ela fosse de fato comum a todos os brasileiros. As diferenças de status social em nosso país, explicam a existência do verdadeiro abismo lingüístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro que compõe a maior parte da população e os falantes da suposta variedade culta, em geral não muito bem definida, que é a língua ensinada na escola.<sup>37</sup>

Não existe um entendimento sedimentado sobre a língua portuguesa falada no Brasil e muitos não tem o devido conhecimento a respeito deste assunto.

<sup>35</sup> BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico. 49ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2007. p. 09.

<sup>36</sup> BAGNO, Marcos. Obra citada. p. 09.

Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português"- de acordo com o autor, essas duas opiniões refletem o complexo de inferioridade de sermos até hoje uma colônia dependente de uma país mais antigo e mais "civilizado". O brasileiro sabe português sim. O que acontece é que o nosso português é diferente do português falado em Portugal. A língua falada no Brasil, do ponto de vista lingüístico já tem regras de funcionamento, que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Na língua falada, as diferenças entre o português de Portugal e o português falado Brasil são tão grandes que muitas vezes surgem dificuldades de compreensão. O único nível que ainda é possível uma compreensão quase total entre brasileiros e portugueses é o da língua escrita formal, porque a ortografia é praticamente a mesma, com poucas diferenças. Concluí-se que nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais bonito ou mais feio: são apenas diferentes um do outro e atendem às necessidades lingüísticas das comunidades que os usam, necessidades lingüísticas que também são diferentes.<sup>38</sup>

Há um diferencial na língua portuguesa utilizada em todos os países que a usam como língua pátria. Simplesmente estão desenvolvidas pela cultura e forma. Na linguagem falada e a escrita é muito parecida, mas possui suas diferenças.

Português é muito difícil" – para o autor essa afirmação consiste na obrigação de termos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós. No dia em que nossa língua se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil, é bem provável que ninguém continue a repetir essa bobagens. Todo falante nativo de um língua sabe essa língua, pois saber a língua, no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela. A regência verbal é caso típico de como o ensino tradicional da língua no Brasil não leva em conta o uso brasileiro do português. Por mais que o aluno escreva o verbo assistir de forma transitiva indireta, na hora de se expressar passará para a forma transitiva direta: "ainda não assisti o filme do Zorro!"<sup>39</sup>

As regras existentes em algumas vezes não são faladas da forma escrita. A regência é o exemplo que difere a língua falada. Podemos escrever mil vezes uma frase na forma tradicional mas acabamos falando o português sem seguir a regência.

"As pessoas sem instrução falam tudo errado" – Isso se deve simplesmente a um questão que não é lingüística, mas social e política – as pessoas que dizem Cráudia, Praca, Pranta pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação forma e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sobre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada "feia", "pobre", "carente", quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola. Assim, o problema não está naquilo

---

<sup>37</sup> BAGNO, Marcos, obra citada. p. 12.

<sup>38</sup> BAGNO, Marcos. Obra citada. p. 12.

<sup>39</sup> BAGNO, Marcos, obra citada. p. 12.



que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito lingüístico é decorrência de um preconceito social.<sup>40</sup>

Como anteriormente explicitado, o preconceito lingüístico, prevalece pela vontade de sobreposição de uns, perante outros.

A questão sobre discriminação é latente, pois muitos acabam sendo considerados inferiores pela forma de avaliação do linguajar.

O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão" – O que acontece com o português do Maranhão em relação ao português do resto do país é o mesmo que acontece com o português de Portugal em relação ao português do Brasil: não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente "melhor", "mais pura", "mais bonita", "mais correta" que outra. Toda variedade lingüística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, a ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar à novas necessidades.<sup>41</sup>

Não há fundamentação quando se é observada a afirmação de um estado se sobrepor ao outro na maneira certa de se falar o português, assim, como se o português falado em Portugal seja superior ao falado no Brasil. Cada país possui um aspecto, uma cultura, uma singularidade.

O certo é falar assim porque se escreve assim" – o que acontece é que em toda língua mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. A ortografia oficial é necessária, mas não se pode ensiná-la tentando criar uma língua falada "artificial" e reprovando como "erradas" as pronúncias que são resultadas natural das forças internas que governam os idiomas.<sup>42</sup>

Se começássemos a entender que devemos falar da maneira que escrevemos, a língua falada entraria em crise, pois criaríamos uma mentira, que não condiz a nossa realidade e a verdade dos fatos. Não podemos nos arraigar a valores superficiais e sim darmos valor a nossa língua pátria.

É preciso saber gramática para falar e escrever bem" – Segundo Mário Perini em Sofrendo a gramática (p.50), "não existe um grão de evidência em favor disso; toda a evidência disponível é em contrário". Afinal, se fosse assim, todos os gramáticos seriam grandes escritores, e os bons escritores seriam especialistas em gramática.<sup>43</sup>

---

<sup>40</sup> Idem. p.12.

<sup>41</sup> Idem. p. 12

<sup>42</sup> Ibidem. p.12.

<sup>43</sup> BAGNO, Marcos. Obra citada. p. 14.

O necessário seria ter conhecimento da língua e perceber que esta possui variações e seu inestimável valor.

A gramática normativa é decorrência da língua, é subordinada a ela, dependente dela. Como a gramática, porém, passou a ser um instrumento de poder e de controle. A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática.<sup>44</sup>

Infelizmente, ainda é colocada em prática a língua como instrumento de capacidade e poder, auxiliando assim na permanência do preconceito linguístico em nossa sociedade.

O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social" – esse mito como o primeiro são aparentados porque ambos tocam em sérias questões sociais. A transformação da sociedade como um todo está em jogo, pois enquanto vivermos numa estrutura social cuja existência mesma exige desigualdades sociais profundas, toda tentativa de promover a "ascensão" social dos marginalizados é, senão hipócrita e cínica pelo menos de uma boa intenção paternalista e ingênua."<sup>45</sup>

O falar tem sua importância, mas, aceitar as diferenças existentes em nossa população, além de respeitá-las são fatores primordiais para uma convivência sadia em sociedade.

O Educador pode auxiliar seus alunos, trabalhando as questões sociais que envolvem o aspecto do linguajar, além da ortografia, coesão textual e a aceitação de seus aprendizes na aceitação das diferenças de linguajares existentes em toda a extensão do país.

## **4.2 As decisões para um ensino de língua portuguesa menos preconceituosa**

Bagno<sup>46</sup> explicita dez decisões primordiais para a existência de um ensino da língua menos preconceituoso:

1) Conscientizar-se de que todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua, por isso ele SABE essa língua. Com mais ou menos quatro anos de idade, uma criança já domina integralmente a gramática de sua língua.

---

<sup>44</sup> Idem. p. 141.

<sup>45</sup> Idem. p. 142..

A conscientização sobre a língua pátria perante o falante é importante, mas necessita do amparo do educador.

2) Não existe erro de português. Existem diferentes gramáticas para as diferentes variedades de português, gramáticas que dão conta dos usos que diferem da alternativa única proposta pela Gramática Normativa.

As diferenças gramaticais é exposta como se tivesse variedades de gramáticas e o erro de português simplesmente não existe e sim formas variadas.

3) Não confundir erro de português (que, afinal, não existe) com simples erro de ortografia. A ortografia é artificial, ao contrário da língua, que é natural. A ortografia é uma decisão política, por isso ela pode mudar de uma época para outra. Línguas que não têm sistema escrito nem por isso deixam de ter sua gramática.

O interessante seria atualizar a gramática de acordo com o linguajar atual e não com as modas corriqueiras de alterações de palavras e americanizações.

4) Tudo o que os gramáticos conservadores chamam de erro é na verdade um fenômeno que tem uma explicação científica perfeitamente demonstrável. Nada é por acaso.

Os erros de ortografia surgem porque há um costume ou utilização da língua geral, utilizada anteriormente no interior do país que ocorreu de uma forma diferenciada de se falar a língua.

5) Toda língua muda e varia. O que hoje é visto como certo já foi erro no passado. O que hoje é visto como erro pode vir a ser perfeitamente aceito como certo no futuro da língua.

As variações ocorrem, o falar muda e assim vem as novas formas de visualizar erros que antes eram acertos.

6) A língua portuguesa não vai nem bem, nem mal. Ela simplesmente VAI, isto é, segue seu caminho, transformando-se segundo suas próprias tendências internas.

A língua está em processo de formação e assim vai se adaptando até chegar em uma forma adequada e utilizável.

7) Respeitar a variedade lingüística de uma pessoa é respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano digno de todo respeito, porque

---

<sup>46</sup> BAGNO, Marcos. Obra citada.. p. 142-145.

8) A língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos. Nós somos a língua que falamos. Enxergamos o mundo através da língua. Assim,

9) O professor de português é professor de TUDO. Por isso talvez devesse ter um salário igual à soma dos salários de todos os demais professores.

10) Ensinar bem é ensinar para o bem. É valorizar o saber intuitivo do aluno e não querer suprimir autoritariamente sua língua materna, acusando-a de ser "feia" e "corrompida". O ensino da norma culta tem de ser feito como um acréscimo à bagagem lingüística da pessoa e não como uma substituição de uma língua "errada" por uma "certa".

As mudanças são necessárias, a introdução de novos preceitos para erradicar o preconceito linguístico possui fatores latentes e a sociedade necessita de direcionamento pelo Educador para colocar em prática a difusão de uma nova visão.

### 4.3 Dialeto

Os dialetos existentes no território brasileiro são vastos e infindáveis e utilizados em várias regiões do país, temos abaixo uma classificação posta pelo filólogo Antenor Nascente e outros estudiosos sobre alguns dos dialetos mais utilizados pela população:

1. Caipira - interior do estado de São Paulo, norte do Paraná, sul de Minas Gerais, sul de Goiás e leste de Mato Grosso do Sul (Sul, Sudeste e Centro-Oeste)
2. Dialeto nordestino do norte - dialeto falado no norte da Região Nordeste, mais precisamente no Maranhão e Piauí, com influência do dialeto nortista.
3. Dialeto nordestino do sul/Baiano - dialeto falado no sul da Região Nordeste, mais precisamente na Bahia, com influência do dialeto mineiro.
4. Fluminense (ouvir) - Estado do Rio de Janeiro (capital e regiões litorânea e serrana) (Sudeste)
5. Gaúcho - Rio Grande do Sul, com alguma influência do castelhano, como dizer "bueno", "griz", "cucharra" e "entonces" (Sul).
6. Mineiro - Minas Gerais (Sudeste)
7. Dialeto nordestino do centro - dialeto falado no centro da Região Nordeste, mais precisamente nos estados de Alagoas e Sergipe e interior do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. As cidades de Recife, João Pessoa, Natal e Fortaleza apresentam um dialeto misturado (ouvir), forte influência dos dialetos paulistano, fluminense, sulista e naturalmente nordestino, devido migrantes recentes do Sudeste e Sul e nordestinos que voltam de São Paulo e Rio de Janeiro.
8. Nortista - estados da bacia do Amazonas - (o interior e Manaus têm falares próprios)
9. Paulistano - cidade de São Paulo e proximidades

10. Sertanejo - *Estados de Goiás e Mato Grosso*. Se assemelha aos dialectos mineiro e caipira.
11. Sulista - *Estados do Paraná e Santa Catarina*. Este dialeto sofre inúmeras variações de pronúncia de acordo com a área geográfica, sendo influenciado pela pronúncia de São Paulo e Rio Grande do Sul com influências eslavas no Paraná e em algumas regiões de Santa Catarina, e na maioria das regiões deste estado influências portuguesas e gaúchas. Há pequena influência nas áreas de colonização alemã com sotaque.”<sup>47</sup>

Para Marcos Bagno:

O preconceito lingüístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo ... Também a gramática não é a língua.<sup>48</sup>

Convivemos com a discriminação existente em nosso país sobre a linguagem e a escrita e o preconceito lingüístico é utilizado como forma de exclusão e as instituições de ensino podem auxiliar para desmitificar tais preconceitos existentes com o apoio do educador para erradicar esta problemática social.

Como antes comentado, o preconceito lingüístico discrimina uma pessoa por seu modo de falar. Com base no livro “Preconceito Lingüístico”, do autor Marcos Bagno, resume:

(1) a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente; (2) brasileiro não fala português/só em Portugal se fala bem português; (3) português é muito difícil; (4) as pessoas sem instrução falam tudo errado; (5) o lugar onde melhor se fala português no Brasil é no Maranhão; (6) o certo é falar assim porque se escreve assim; (7) é preciso saber gramática para falar e escrever bem e (8) o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.<sup>49</sup>

Assim, o preconceito lingüístico afeta mais pessoas de classes menos favorecidas e dos muitos que foram favorecidos com o ensino, tiveram uma educação de baixa qualidade, diminuindo suas oportunidades de desenvolver-se social e economicamente.

<sup>47</sup> Texto: Dialectos. Autor: Antenor Nascente e outros. Sítio: [http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua\\_portuguesa#Dialectos\\_do\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_portuguesa#Dialectos_do_Brasil). Acessado em 18.02.2010.

<sup>48</sup> Bagno, Marcos. Obra citada. p. 09.

<sup>49</sup> Bagno, Marcos. Obra citada. p. 07.

O educador pode auxiliar e direcionar os alunos e educandos e assim oferecer uma formação baseada em princípios morais e na mudança cultura de preconceitos.

A educação social está interligada ao trabalho do Educador:

Educação Social é um campo multidisciplinar de acompanhamento (e intervenção) com as mais diversas faixas etárias (crianças, jovens, adultos, seniores) e nos mais diferentes contextos sociais, culturais, educativos e económicos. Esta polivalência interventiva favorece a profissão ao nível da empregabilidade, embora dificulte ligeiramente a construção de um conceito profissional facilmente delimitável. **O Educador Social** é um agente de mudança, pretende que os utentes vivam e saibam viver em cidadania, implicando-as na construção do seu próprio futuro, assim como procurar assegurar o equilíbrio entre o individual e o social. Tendo como objectivo a promoção do desenvolvimento pessoal e amadurecimento social em toda a população, não pode de forma alguma colocar de lado das suas intervenções, a formação cívica e moral, ou seja a educação para os valores. O seu objectivo passa por desenvolver a maturidade social; promover as relações humanas e preparar o indivíduo para a convivência na comunidade. O Educador Social terá de ser, sempre, um mediador entre o indivíduo, a família, as instituições e a sociedade ..em geral. O.. seu perfil estruturado pelos saberes ser, estar e fazer, confere-lhe um conjunto de competências que o tornam capaz de agir técnica e pedagogicamente pela sensibilidade social e ética. Subjacente aos seus modelos de intervenção está a cultura pedagógica destes profissionais que, com arte, criatividade, oportunidade, entusiasmo, responsabilidade e dinamismo são capazes de, sabendo interpretar a realidade social, proporcionar caminhos de realização, integração e desenvolvimento pessoal.<sup>50</sup>

Outro poder de influência que exerce grande diferencial ao individuo são os meios de comunicação, que, caso sejam bem utilizados poderiam auxiliar melhor na integração da educação para eliminar os mitos do preconceito linguístico.

---

<sup>50</sup> Texto: Ser educador social. Sítio: <http://blogs.myspace.com/index.cfm?fuseaction=blog.view&friendId=452219424&blogId=513477283>. Acessado em 19/02/2010.

## 5. O EDUCADOR

O aluno necessita dar sentido as palavras lidas, entender e interagir com todos a sua volta, porque quando começa a ler, necessita entender, analisar e discutir questões existentes aos seu redor para que a linguagem tenha o seu papel e sua função social.

Mas afinal, o que entendemos sobre educação?

**Educação** engloba os processos de *ensinar* e *aprender*. É um fenômeno observado em qualquer sociedade e nos grupos constitutivos destas, responsável pela sua manutenção e perpetuação a partir da transposição, às gerações que se seguem, dos modos culturais de ser, estar e agir necessários à convivência e ao ajustamento de um membro no seu grupo ou sociedade. Enquanto processo de sociabilização, a educação é exercida nos diversos espaços de convívio social, seja para a adequação do indivíduo à sociedade, do indivíduo ao grupo ou dos grupos à sociedade. Nesse sentido, educação coincide com os conceitos de socialização e endoculturação, mas não se resume a estes. A prática educativa formal - que ocorre nos espaços escolarizados, quer sejam da Educação Infantil à Pós Graduação - se dá de forma intencional e com objetivos determinados, como no caso das escolas. No caso específico da educação formal exercida na escola, pode ser definida como Educação Escolar. No caso específico da educação exercida para a utilização dos recursos técnicos e tecnológicos e dos instrumentos e ferramentas de uma determinada comunidade, dá-se o nome de Educação Tecnológica.<sup>51</sup>

A Educação, para ser eficaz na vida de um educando, necessita ser ensinada pelo professor e entendida pelo aluno, para que seus conhecimentos sejam futuramente colocados em prática, perante a sociedade em que vive.

O papel do educador é de auxiliar o aluno para que este se desenvolva, com base nas experiências vividas e relações sociais.

Alfabetizar é ensinar alguém a ler ou escrever, mas entendemos ser mais do que a simples significação, pois o educador orienta o aluno a entender e compreender a ortográfica, o alfabetos, frases, regências, verbos, além de direcioná-lo a leitura e interpretação de texto, preparando-o para uma vida em sociedade.

A educadora Amélia Ranzi<sup>52</sup>, aduz questões consideráveis sobre o educador e o desenvolvimento que ele introduz na vida do educando:

<sup>51</sup> Texto: Educação. Sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o>. Acessado em 14/11/2009.

<sup>52</sup> Texto: O educador criativo busca nos percursos. Autora: Amélia Hanze. Sítio: <http://www.educador.brasilecola.com/trabalho-docente/educador-criativo.htm>. Acessado em 14/11/2009.

“O educador criativo surpreende seus educandos, ensina-os a pensar, procura usar as vivências, competências e habilidades dos mesmos em suas aulas, dá identidade e personalidade a cada turma. No exercício da criatividade o profissional criativo pratica a arte de perguntar e usa a arte de ouvir para melhor conhecer os educandos. Jamais pensa que sabe tudo, ou que é o dono do saber, pois reconhece que a mente deve ficar aberta para novas aquisições de conhecimentos.

Quando o Educador está preparado para dar de si o melhor em busca de um ensino de qualidade, libera a criatividade em busca da excelência na educação que repassa a seus alunos.

Esse educador distingue que a arte e o exercício da criatividade envolve o hábito sedutor de estabelecer um novo estilo, constituindo um marketing pessoal, buscando não apenas ser o melhor, mas estabelecendo a “diferença”. Tem em mente que a comunicação, até mesmo dentro da sala de aula é um dos fatos mais difíceis e complexos que existem nas interações humanas. Identifica que a fala, as expressões corporais, a maneira de olhar, o calar e o ouvir e mesmo o modo de se vestir também são formas fundamentais de se comunicar. Entende, antes de qualquer coisa que deve buscar envolver a atenção do educando, aproveitando todas as formas que a comunicação oferece.

O dom de ser Educador não é para qualquer pessoa, pois é necessário ter criatividade e competência para dar um ensino de qualidade além de necessitar ter várias formas de se expor e esclarecer qualquer dúvida ou ensinamento.

Um estudo realizado na Universidade da Califórnia em Los Angeles mostra que o impacto de uma aula é feito de: 55% estímulos visuais (como você se parece, anda e gesticula); 39% estímulos vocais (como você fala, sua entonação e timbre) e 7% apenas de conteúdo verbal (tema sobre o qual você fala).

O profissional criativo tem metas de qualidade claramente definidas e nível de decisão adequado. Usa o afeto e a emoção, estimulando os discentes a aprender. Esse professor busca ser um adequado comunicador. “... é pela comunicação que nos relacionamos com a vida: família, amigos, esportes, lazer... Tudo depende da comunicação. Quando nos comunicamos bem, podemos criar o mundo do modo como desejamos que ele seja”.( Dr. Lair Ribeiro)

A comunicação é tudo e o Educador que sabe utilizá-la conseguirá passar seus conhecimentos de forma positiva e interativa a seus alunos.

O professor criativo possui capacidade de trabalhar em grupo, de improvisar, de adequação à metodologia da escola, de administrar o tempo e cumprir cronogramas, de fazer inovações, de buscar novos percursos. Entende que a criatividade está no “pedir” e não no “exigir”. Ao solicitar, colocamos o sujeito no papel de colaborador, de componente de uma equipe. Sabe que, o educador ao exercer a criatividade busca novas



alternativas de ação, novos encantos mais apropriados para motivar o educando.

A improvisação, criatividade e várias outras facetas do Educador demonstram o seu grau de desenvoltura perante seus alunos. As formas inimagináveis demonstram o grau de capacidade do educador.

Como profissional criativo, o professor torna-se carismático e gera um encantamento nos discentes, ao procurar interagir com os meios de comunicação e valorizar a opinião dos educandos. O professor criativo fica sempre conectado com as novidades que aparecem, pois sua profissão é dinâmica. As transformações aconselham a não ficar parado no tempo. A busca pela criatividade é um desafio. No mundo atual procura-se não o mais inteligente, mas aquele que faz acontecer de maneira diferente e criativa. Autora: Amelia Hamze  
Educatória  
Profª UNIFEB/CETEC e FISO – Barretos”

O educador tem sua importância pois pode auxiliar o aluno com os vários domínios discursivos existentes, como jornalísticos, jurídicos, esportivos, religiosos, econômico, político e assim mostrar os tipos narrativos, descritivos e dissertativos da produção textual.

O educador necessita da interatividade do aluno para conseguir explicar o estudo exposto, pode utilizar de organização no ambiente social do aluno, trabalhando paulatinamente para desenvolver seu poder de crítica na construção de seu raciocínio que futuramente será utilizado em seu meio social.

Quando o educador ensina o aluno a interpretar e escrever, estimula o raciocínio do estudante, que pode se sobrepôr na sociedade com seus pensamentos e idéias podendo discutir e analisar.

Para Sírio Possenti “para que o ensino mude não basta recomendar alguns aspectos. É necessário uma revolução<sup>53</sup>.”

Para ocorrer uma revolução no ensino, a ligação de maior importância é o educador para com o aluno.

Atualmente, percebemos que o ensino da língua portuguesa não está tendo a sua devida importância com um ensino que deixa a desejar, por não respeitar as diversidades existentes na linguagem.

Para a autora Stella Maris Bortoni-Ricardo:

---

<sup>53</sup> POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola/Campinas. Campinas/SP: Mercado das Letras, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).p. 16.

No Brasil, ainda não se conferiu a devida atenção à influência da diversidade lingüística no processo educacional. A ciência lingüística vem, timidamente, apontando estratégias que visam aumentar a produtividade da educação e preservar os direitos do educando. Essa contribuição será tanto mais efetiva se fundamentada na convicção de que a situação sociolingüística brasileira apresenta peculiaridades que a distinguem da de outros países. As atividades científicas na área não se podem restringir, portanto, a uma simples importação. É indispensável o desenvolvimento de um aparato teórico-metodológico adequado à realidade nacional.<sup>54</sup>

O texto *Indagações sobre currículo* explana sobre a escola e a sua importância no processo de formação que “ela é também um espaço sociocultural e imprime marcas profundas no nosso processo de formação humana. Por isso, a organização escolar não pode ser reduzida a um tempo empobrecido de experiências pedagógicas e de vida.”<sup>55</sup>

O educador necessita respeitar as peculiaridades existentes, para poder entender e alcançar o educando, promovendo o conhecimento da língua com suas variações, oferecendo-lhes instrumentos para que o aluno possa compreender os variados tipos da linguagem, formal e informal, assim como entender as variações estilísticas, sociais, geográficas e históricas.

O dever do educador é tentar ensinar ao aluno a codificar e decodificar os símbolos da escrita e quando consegue alcançar o objetivo primordial: o educando sabe ler, escrever e interpretar, utilizando suas idéias, seu senso crítico, para discordar, compreender, e perceber a questão da sociedade em que vive e do mundo que o cerca, fazendo parte do contexto como indivíduo.

A alfabetização exige do educador um trabalho árduo, porque este tem a primordial responsabilidade de alfabetizar seus educandos.

Atualmente, percebemos que o ensino da língua portuguesa não está tendo a sua devida importância, deixando a desejar, por não respeitar as diversidades existentes na linguagem.

---

<sup>54</sup> BORTONI RICARDO, Stela Maris. Obra citada. p. 38.

<sup>55</sup> INDAGAÇÕES SOBRE CURRÍCULO: diversidade e currículo / [Nilma Lino Gomes]; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

## 6. CONCLUSÃO

Desde a época do descobrimento, percebemos as variedades de palavras que advieram das misturas existentes em nossa cultura.

Temos uma grande miscigenação grande de raças, religiões e línguas e com toda as formas existentes percebemos a introdução de questões de superioridade de uma raça sobre outra, utilizando-se além do poder e da riqueza algo bem minucioso: a língua falada.

Pela linguagem houve o estabelecimento dos que iriam se sobressair e assim, para posteriormente, excluir os incultos. A pena imposta? o preconceito linguístico utilizado sobre os menos favorecidos.

O conhecimento tornou-se a arma de uns sobre a falta de conhecimento de outros e assim, prosseguiu-se na convivência do preconceito da época do descobrimento do Brasil até a nossa atualidade.

Mas temos a nosso favor uma arma eficaz, que auxiliar de forma esmagadora os preconceitos lingüísticos existentes: O Educador, que auxiliar, interage, eleva o raciocínio para que o indivíduo possa fazer uso de seus ensinamentos em sociedade e assim auxiliando na criação de homens dos quais a sociedade necessita.

Então, percebemos o trabalho do educador é de primordial importância para que as mudanças ocorram, pois, sem ele, o desenvolvimento do ser humano não flui, não há interação social.

O orientador está no contexto social como parte atuante principalmente em frente à Reforma Ortográfica e o seu papel não é apenas instituir normas de linguagem e escrita, ele vai mais além, o educador consegue inserir o conhecimento para o estudante, trazendo a este o melhor presente para a sua formação como cidadão: o conhecimento, de suma importância para o seu desenvolvimento.

Concomitantemente com o educador, a sociedade brasileira necessita auxiliá-lo para que este possa ter um trabalho mais prazeroso, colocando em pratica seus ensinamentos e os adequando na vida em sociedade.

Algo de grande importância é o apoio do Governo, pois com a criação de programas sociais que beneficiem as camadas menos favorecidas, poderá existir igualdade entre a humanidade, pois, um indivíduo que pode ter um educador

auxiliando na concretização e formação de seu raciocínio, torna-se mais capaz, atuante e podendo ajudar no desenvolvimento da sociedade, que atualmente necessita de mudanças para que possa viver em paz em seu desenvolvimento e com outras nações.

A valorização do Educador necessita sair do papel e torna-se algo real, com salários justos e dignidade a esta classe tão importante e ao mesmo tempo sem muito reconhecimento.

## 7. REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 49ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

BEARZOTI FILHO, Paulo. **Formação linguística do Brasil**. Curitiba. Nova Didática.2002.

BORTONI RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & educação**. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

CIPRO NETO, Pasquale. **Como grafar e acentuar as palavras**. Barueri, SP: Gold Editora; 2009.

GUIA PRÁTICO, **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**: SP: Editora Escala, 2009.

INDAGAÇÕES SOBRE CURRÍCULO: diversidade e currículo / [Nilma Lino Gomes]; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola/Campinas**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

## ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

Texto: A breve história do português do Brasil, Autora: Olga Maria Guanabara de Lima. <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/01/04.htm>. Acessado em 08.02.2010.

Texto: Português Brasileiro. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugu%C3%AAAs\\_brasileiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugu%C3%AAAs_brasileiro). Acessado em 14.02/.010.

Texto: Pidgin. Sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pidgin>. Acessado em 18/11/2009.

Texto: Acordo Ortográfico. Texto: Acordo Ortográfico. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Acordo\\_Ortogr%C3%A1fico\\_de\\_1990](http://pt.wikipedia.org/wiki/Acordo_Ortogr%C3%A1fico_de_1990). Acessado em 24.02.2010.

Texto: Dialetos. Autor: Antenor Nascente e outros. [http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua\\_portuguesa#Dialetos\\_do\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_portuguesa#Dialetos_do_Brasil). Acessado em 18.02.2010.

Texto: O educador criativo busca nos percursos. Autora: Amélia Hanze. Sítio: <http://www.educador.brasilecola.com/trabalho-docente/educador-criativo.htm>.Acessado em 14/11/2009.

Texto: Ser educador social. Sítio:  
<http://blogs.myspace.com/index.cfm?fuseaction=blog.view&friendId=452219424&blogId=513477283>. Acessado em 19/02/2010.

Texto: Educação. Sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o>.  
Acessado em 14/11/2009.